

#cm

2

FIM DE SEMANA

Que maaarravilha!



A CANTINA DO CLAUDE, DO CHEF CLAUDE TROIGROS, ESTÁ NO EVENTO

Durante **todo o mês de junho os craques da cozinha** que atuam na cidade entram em campo durante a **31ª edição do Rio Restaurant Week**, evento que reúne **80 casas com menus especiais** inspirados nas cozinhas dos **países campeões mundiais**, a partir de R\$ 59,90. São os **sabores do mundo em clima de Copa**. Página 14

Geraldinho Azevedo em clima de 'oitentação'

Cantor e compositor pernambucano mostra os grandes sucessos de uma trajetória vitoriosa na MPB

AFFONSO NUNES

Geraldo Azevedo, um dos grandes nomes da MPB, volta ao palco do Vivo Rio nesta sexta-feira (29) de maio, para mais uma apresentação de "Oitentação", turnê que marca a celebração de seus 80 anos. O show terá participação especial de Paulinho Moska. A abertura fica por conta do DJ João Pedro Rocha, o primeiro DJ com Síndrome de Down do Brasil, que abre todos os shows da turnê.

Pernambucano de Petrolí-



Guttemberg Britto/Divulgação

Geraldo Azevedo repassa grandes momentos de sua carreira nesta turnê comemorativa, que volta ao rio nesta sexta

na, no coração do Vale do São Francisco, Geraldo Azevedo construiu uma carreira de mais de cinco décadas como compositor, cantor e violonista. Sua obra é marcada pela fusão sofisticada entre as harmonias da bossa-nova e os ritmos pulsantes da música

nordestina — frevo, forró, xote, maracatu e baião convivem em suas composições. Sucessos como

"Dona da Minha Cabeça", "Dia Branco", "Táxi Lunar" e "Bicho de Sete Cabeças" consolidaram seu lugar entre os artistas mais relevantes da nossa canção popular. Suas parcerias com Zé Ramalho, Alceu Valença e Elba Ramalho produziram grandes

clássicos.

A turnê "Oitentação", que começou em abril de 2025, passa agora por sua segunda etapa. Geraldo é acompanhado por uma banda que reúne músicos de longa trajetória ao seu lado: César Michiles na direção musical e flauta, Romero Medeiros nos teclados, Johnanthan Malaquias na sanfona e voz, Júnior Xanfer na guitarra, Toninho Tavares no baixo, Augusto Silva na bateria e Jerimum de Olinda na percussão e voz. O show percorre canções de diferentes fases de sua carreira, reafirmando a força de sua autoralidade.

Acompanhando a turnê, Geraldo lançou em abril o disco ao vivo "Oitentação", que reúne dez faixas registradas durante as apresentações. O álbum inclui a inédita "Arthur e Alice" e "Eu Vou Te Amar", que ganha aqui sua primeira gravação com o próprio Geraldo de canção já conhecida na voz de Elba Ramalho. O repertório do disco também traz "Caravelas", "Só Porque", "Monami", "Talvez Seja Real", "Bicho de 7 Cabeças", "Lusitana do Norte", "Estou em Paz" e "O Sal da Terra", de Beto Guedes e Ronaldo Bastos.

Aos 80 anos, em vez de se afastar dos palcos, Geraldinho celebra sua trajetória em contato direto com o público.

SERVIÇO

GERALDO AZEVEDO - OITENTAÇÃO

Vivo Rio (Av. Infante D. Henrique, 85, Aterro do Flamengo)

29/5, às 21h

A partir de R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

De volta à Lona da Lapa

Os Garotin levam novo álbum, 'Força da Juventude', ao Circo Voador

O trio Os Garotin desembarca no Circo Voador neste sábado (30) para o show de lançamento de "Força da Juventude", seu segundo álbum de estúdio. Lançado oficialmente em 14 de maio, o disco reúne 13 faixas que passeiam pelo pop, MPB, soul, samba e funk. O trabalho consolida a identidade sonora do grupo formado por Léo Guima, Anchiex e Cupertino, mantendo o groove romântico que marca a trajetória do trio sem abrir mão de experimentações em gêneros variados.

Produzido por Julio Raposo — o mesmo responsável pela produção do álbum de estreia "Os Garotin de São Gonçalo" (2024) — o novo disco traz oito participações de artistas

de relevância na cena musical brasileira. Marina Sena, BK, Liniker, Hamilton de Holanda, Arthur Verocai, ZZDinizz e Lenine dividem espaço com a cantora americana Malia, ampliando o alcance sonoro do projeto. A diversidade de colaboradores reflete a amplitude musical do trabalho, que busca dialogar com diferentes gerações e linguagens sem perder a coesão estética.

Para Anchiex, um dos integrantes do trio, o conceito do álbum vai além da música. "A Força da Juventude é sobre postura, posicionamento e estilo de vida. Também carrega a responsabilidade do jovem de olhar para o futuro e refletir sobre a forma como enxerga a vida



Divulgação

Os Garotin mostram as novas canções pela primeira vez ao vivo

— sempre em busca do novo e de uma existência mais intensa, com emoção", comenta o artista. Essa reflexão sobre a geração contemporânea permeia as 13 faixas do disco, que funcionam como um manifesto geracional. Antes mesmo do lançamento oficial, o trio transformou o conceito do álbum em uma exposição de arte no Rio de Janeiro, expandindo a proposta para além do formato musical.

Dois anos após o lançamento de "Os Garotin de São Gonçalo", o trio retorna ao Circo para apresentar as novas composições. Em setembro de 2026, Os Garotin embarcam em sua primeira turnê europeia, expandindo o alcance de uma trajetória que começou em 2019 com a descoberta pela produtora Paula Lavigne. Desde então, o trio vem consolidando seu som como referência na vena da nova música brasileira. (A. N.)

SERVIÇO

OS GAROTIN

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa) | 30/5, às 22h | R\$ 200 e R\$ 100 (meia solidária)

Canta, canta minha gente

Em sua despedida dos palcos, Martinho da Vila se junta a Mart'nália na primeira turnê conjunta de pai e filha

AFFONSO NUNES

Aos 88 anos, Martinho da Vila anuncia o que será sua última grande turnê pelo Brasil — e escolhe a forma mais simbólica possível para viver esse momento: dividindo o palco com sua filha, Mart'nália. É a primeira vez que pai e filha se unem em uma turnê completa. “Saber parar é uma virtude”, ensina o bamba.

A série “Pai e Filha” percorrerá 30 cidades brasileiras a partir do show desta sexta-feira (29), às 21h, no Vivo Rio. Martinho, que inicialmente hesitou em aceitar a excursão, diz estar motivado pela energia do público e pela oportunidade de compartilhar o palco com a filha.

Martinho da Vila é um patrimônio vivo do samba. Nessa caminhada construiu uma obra memorável. Compositor, cantor e escritor, Martinho é autor de poética simples (porém profunda) sobre a vida, o amor, a comunidade e o cotidiano.

Mart'nália, nascida em 1965, cresceu entre rodas de samba, bastidores de shows e encontros musicais que atravessavam madrugadas. Respirou música desde o nascimento e construiu seu próprio caminho como artista. Cantora, compositora e multi-instrumentista, é reconhecida por sua versatilidade e autenticidade. Ganhadora de dois prêmios Grammy Latino como melhor disco de samba — pelos álbuns “Mart'nália Canta Vinicius de Moraes” (2019) e “+Misturado” (2017) — gravou 13 álbuns de estúdio e quatro DVDs ao vivo. Transita entre samba, MPB e outros gêneros, sempre com forte identidade artística e presença de palco marcante.

“Não é apenas um show. É um encontro de gerações, de histórias e de afetos. Dividir o palco é um presente que a vida me deu”

MARTINHO DA VILA

“Vai ser muito bom estar juntinho do meu paizão no palco, celebrando essa tour. Tenho certeza de que serão momentos únicos de muito amor, alegria e samba em família”

MART'NÁLIA

No repertório, o público reviverá clássicos eternos de Martinho da Vila, sucessos da carreira de Mart'nália e momentos inéditos em que os dois dividem o palco em interpretações carregadas



Martinho da Vila e Mart'nália se apresentam juntos pela primeira vez numa turnê completa

de emoção, humor e cumplicidade. “Não é apenas um show. É um encontro de gerações, de histórias e de afetos. Dividir o palco é um presente que a vida me deu”, define Martinho. Mart'nália comple-

menta: “Vai ser muito bom estar juntinho do meu paizão no palco, celebrando essa tour. Tenho certeza de que serão momentos únicos de muito amor, alegria e samba em família”, acredita.

SERVIÇO

MARTINHO DA VILA E MART'NÁLIA - PAI E FILHA
Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Aterro do Flamengo) | 30/5, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Ed Motta, o sincerão, leva velhos sucessos ao Circo

AFFONSO NUNES

Lançado em 1996, “Manual Prático para Festas, Bailes e Afins” tornou-se um fenômeno de vendas e execuções e, de uma certa forma, dividiu a carreira de Ed Motta em dois momentos distintos. Três décadas depois, o álbum segue como referência de uma época em que a música brasileira se abria para influências do soul, funk e jazz sem perder sofisticação harmônica. Nesta sexta-feira (29), o cantor, compositor e multi-instrumentista sobe ao palco do Circo Voador para comemorar a data com um show que reúne os maiores sucessos daquele trabalho e de sua sequência, “As Segundas Intenções do Manual”, lançado em 2000.

A trajetória musical de Ed Motta é marcada por uma sofisticação melódica progressiva que o levou a estabelecer uma relação complexa com seus trabalhos iniciais. Nascido em 1971, o sobrinho de Tim Maia começou sua carreira ainda adolescente — aos 15 anos lançou seu primeiro disco. Desde então, sua obra transitou entre funk, soul, jazz e pop, gêneros que absorveu desde a infância. Ao longo dos anos, porém, Ed refinaria sua abordagem, buscando cada vez mais sofisticação melódica e arranjos complexos. Foi uma evolução foi tão significativa que o próprio artista estabeleceu uma distância crítica com seus trabalhos iniciais. Recusava-se, por exemplo, a cantar “Manuel” — um de seus maiores hits — em seus shows.

Em entrevistas recentes, Ed usou de sua habitual franqueza ao descrever essa trajetória. “Nem produzi música de acordo com minha exigência e sua percepção de qualidade musical”, disse, acrescentando que em muitos momentos da carreira teve de baixar o nível da musicalidade ao nível da música mais popular para conseguir viver de música e conseguir pagar o condomínio. Essa honestidade — que o artista frequentemente expressa em lives, shows e entrevistas — revela a tensão entre as ambições artísticas e as necessidades comerciais que marcaram sua trajetória. Hoje, com uma postura mais flexível, o artista compreende essa fase como parte necessária de um processo de maturação que o levaria, posteriormente, a trabalhos de maior requinte e experimentação.

“Manual Prático” representa justamente esse ponto de virada — o momento em que o músico encontrou seu próprio equilíbrio entre a dançabilidade e a complexidade harmônica. O disco é uma mistura

Cantor e compositor apresenta show que celebra os 30 anos de ‘Manual Prático’, o seu álbum de maior êxito comercial



Divulgação

“Nem sempre produzi música de acordo com minha exigência e percepção de qualidade musical”

ED MOTTA

irresistível de soul, funk, jazz e pop que reúne hinos como “Fora da Lei” (parceria com Rita Lee), “Vendaval”, “Daqui Pro Méier” e “Falso Milagre do Amor”. Essas canções se tornaram referência para gerações de ouvintes e consolidaram a reputação de Motta como um dos grandes nomes da música brasileira contemporânea. A sequência, lançada em 2000, manteve a qualidade com faixas como “Colombina” e “Dez Mais Um Amor”, expandindo ainda mais o universo sonoro que o artista havia criado.

Para ouvintes casuais, “Manual Prático” é um convite aberto à pista de dança, repleto de refrões irresistíveis e grooves envolventes. Ouvintes mais atentos encontram no trabalho arranjos sofisticados, com detalhes harmônicos muito bem elaborados — exatamente o tipo de coisa que Ed Motta passaria a explorar cada vez mais em seus trabalhos posteriores.

Após “Manual Prático” e sua sequência, Ed seguiria uma trajetória de crescente sofisticação. Álbuns como “Dwitza” (2002) e “Aystelum” (2005) o consolidariam como um artista de pesquisa instrumental avançada. Mais recentemente, “Behind the Tea Chronicles” (2023), lançado após cinco anos de afastamento, marca um novo patamar em sua evolução, com influências de séries televisivas clássicas dos anos 70 e filmes antigos. Essa progressão — do baile ao requinte, do popular ao cerebral — é o que define a carreira de Ed Motta.

Neste show do Circo, o artista recorda os hits dos dois volumes do “Manual” sucessos de discos anteriores e temas que marcaram trilhas sonoras memoráveis — como a trilha em português da animação “Tarzan” e até a “renegada” “Manuel”.

A noite fecha com mais dançabilidade na apresentação da Fanfarra Amigos da Cacilda, que faz sua estreia na lona do Circo Voador. Mais que uma fanfarra tradicional, o grupo é um movimento que surgiu com a proposta de espalhar música e aproximar pessoas através da performance. Com metais, percussão e coreografias envolventes, a Amigos da Cacilda entrega shows potentes tanto para ouvir quanto para assistir, transitando entre clássicos do jazz e releituras modernas com arranjos cheios de personalidade.

SERVICO**ED MOTTA - MANUAL PRÁTICO - 30 ANOS**

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa) | 29/5, às 22h
Ingressos: A partir de R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

Lusofonia indie com recheio sinfônico



AFFONSO NUNES

Orquestra Maré do Amanhã se apresenta no intervalo dos shows de Jovem Dionísio, Terno Rei e capitão Fausto neste domingo no Vivo Rio

Três bandas de universos sonoros bem distintos — a curitibana Jovem Dionísio, a paulista Terno Rei e os portugueses da Capitão Fausto — dividem o palco do Vivo Rio neste domingo (31). E a Orquestra Maré do Amanhã sobe ao palco no intervalo com um repertório inédito, transformando o show em experiência que mescla indie rock, pop e arranjos sinfônicos.

O evento integra o projeto “Mostra de Portugal Contemporâneo no Brasil”, do Arte Institute, e reforça o intercâmbio cultural entre os dois países. Cada grupo traz uma assinatura sonora própria, mas todas compartilham a exploração de linguagens que transitam entre

o pop, o rock alternativo e a experimentação.

Jovem Dionísio, formada em 2019 em Curitiba, estourou em 2022 com o hit “Acorda, Pedrinho”, que viralizou nas redes. Desde então, a banda consolidou presença em festivais como Lollapalooza e Rock in Rio, construindo uma base de fãs que acompanha sua trajetória de indie pop com toques de bedroom pop. Terno Rei, nascida em São Paulo em 2010, trilha caminho mais introspectivo: o grupo é conhecido pela melancolia urbana e lirismo etéreo que

marcam discos como “Violeta” (2019) e “Gêmeos” (2022), onde dream pop, pós-punk e MPB se entrelaçam. Capitão Fausto, banda portuguesa, completa o triângulo com sua própria linguagem pop-rock, trazendo a perspectiva da cena contemporânea portuguesa para o palco carioca.

A Orquestra Maré do Amanhã é um projeto nascido no Complexo da Maré em resposta a uma tragédia pessoal e apresenta repertório especialmente criado para o evento. O maestro Filipe Kochem preparou arranjos que transitam

entre funk, rock e pop, incluindo homenagem à música portuguesa: além do clássico “Uma Casa Portuguesa”, o repertório inclui medley do pop português com canções de Dino d’Santiago e Nelly Furtado (que, apesar de canadense, tem origem portuguesa).

Criada em 2010 pelo jornalista Carlos Eduardo Prazeres após o assassinato de seu pai, o maestro português Armando Prazeres, a OMA transformou o luto em ação: em 15 anos, impactou mais de 17 mil crianças e jovens do Complexo da Maré. Reconhecida como Pa-

trimônio Cultural Imaterial do Rio de Janeiro (2023), a iniciativa consolidou-se como referência nacional em educação musical e transformação social. Seus músicos já tocaram para o Papa Francisco no Vaticano, desfilaram com a Beija-Flor no Carnaval e se apresentaram para 2,5 milhões de pessoas no Réveillon de Copacabana com Anitta.

SERVIÇO

JOVEM DIONÍSIO, TERNO REI, CAPIÃO FAUSTO E ORQUESTRA MARÉ DO AMANHÃ

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 — Aterro do Flamengo) 31/5, às 18h
Ingressos a partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Clássicos da MPB e samba no Rio Scenarium

Rio Scenarium recebe neste sábado (30) a cantora Priscila Gouvêa em apresentação dedicada ao samba e à MPB. Natural de Belford Roxo, a artista sobe ao palco com repertório que revisita clássicos de Elis Regina, Alcione, Beth Carvalho e Zeca Pagodinho, além de sucessos da nova geração. Com timbre marcante e interpretações intensas, Priscila consolida seu nome na cena do samba carioca.



Divulgação

O caldeirão sonoro do Abacaxepa

O grupo Abacaxepa apresenta seu terceiro álbum “Antes Que Você Se Esqueça” nesta sexta-feira (29) no Dolores Club. O show marca uma década de trajetória da banda, que mistura MPB, psicodelia, rock e tropicalismo em performances teatrais e energéticas. Formada por três vocalistas e quatro instrumentistas, o grupo transforma cada apresentação em experiência dançante e imprevisível.



José de Holanda/Divulgação

Mais louco é quem nos diz... que não é feliz

Celebração dionisíaca da liberdade, 'Elogio da Loucura', de Erasmo de Rotterdam, ganha corpo, alma e verdade ao virar a argamassa da volta de Leona Cavalli a palcos cariocas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Sínteses da artesanaria por trás do verbo "viver", frases como "Não merece o doce quem não experimentou o amargo" compõem a filosofia de Erasmo de Rotterdam, pensador que viveu e escreveu nos Países Baixos até 1536 e celebrou a dimensão dionisíaca da existência no livro "Elogio da Loucura" (1511), um clássico da produção filosófica de seu tempo.

Cravejada de alusões ao mundo clássico, como era da natureza da prosa contemporânea ao Renascimento, sua escrita vai da sátira ao testamento. Inventaria as cicatrizes e as gargalhadas de uma entidade que existe para nos lembrar o quanto a liberdade é viciante. Mete o sarrafo na violência quando lhe cabe, vide o parágrafo: "os parasitas, os proxenetas, os ladrões, os sicários, os boçais, os estúpidos, os falidos e, em geral, toda a escória social pode aspirar muito mais à imortalidade da guerra do que os homens que vivem dia e noite absorvidos na contemplação".

Desde quinta-feira, no Rio, as páginas de Erasmo ganham saliva... e com ela poesia... ao saltarem dos lábios da atriz Leona Cavalli, numa encenação de visceralidade à flor da pele, em cartaz no CCBB-RJ. "O texto é uma possibilidade de reflexão sobre o mundo, por meio de um panorama geral da loucura que a gente vive na contemporaneidade", diz Leona, a Anna Magnani de Rosário do Sul (RS), ao Correio da Manhã.

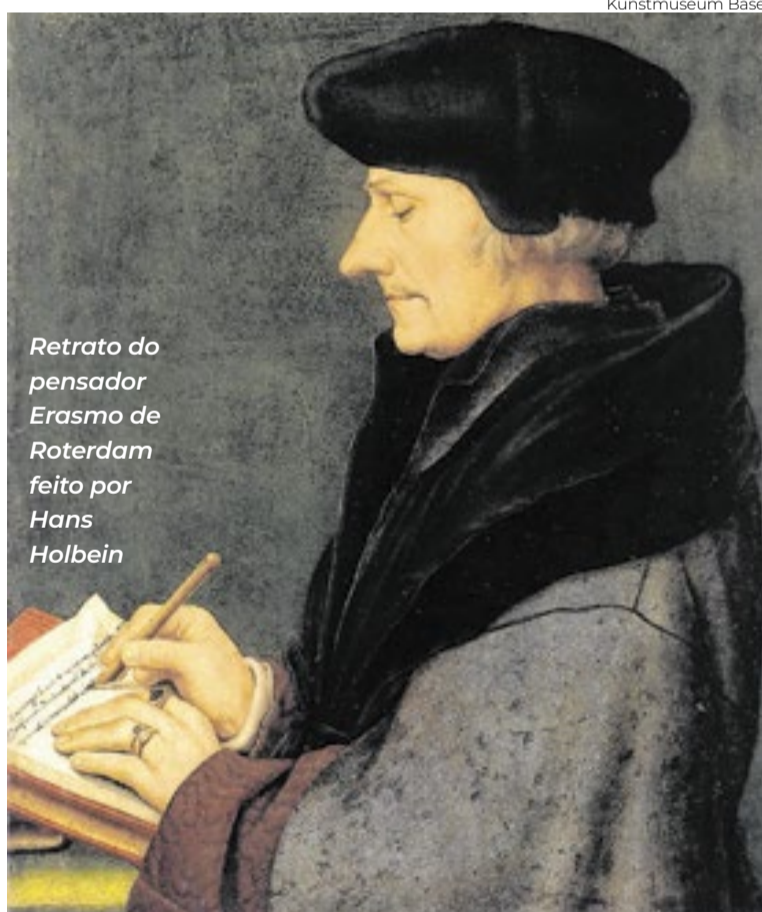


Leona Cavalli revela sua surpresa com a atualidade dos escritos de Erasmo de Rotterdam

“Diante de tanto ódio que nos cerca hoje, numa sociedade cada vez mais polarizada, essa obra propõe: ‘o delírio mais feliz de todos é o daqueles que amam’. Vejo esse amor no caminho das artes, um caminho que se mantém livre diante de todas as dualidades que nos cercam”

LEONA CAVALLI

“Diante de tanto ódio que nos cerca hoje, numa sociedade cada vez mais polarizada, essa obra propõe: ‘o delírio mais feliz de todos é o daqueles que amam’. Vejo esse amor



Retrato do pensador Erasmo de Rotterdam feito por Hans Holbein

no caminho das artes, um caminho que se mantém livre diante de todas as dualidades que nos cercam. Mas não deixa de ser um caminho das pedras, de luta”.

Uma força da natureza em cena quando entra em cena, Leona Cavalli começou sua carreira sob a direção de José Celso Martinez Corrêa (1937-2023), encarando algo de podre que havia no reino da Dinamarca num "Hamlet" (de 1993) pelo qual foi indicada como Melhor Atriz ao prêmio APCA, como Ofélia. Foi à Grécia com as "Bacantes"

(1996) e flanou pelas memórias do TBC em "Cacilda!" (1999). Foi Prêmio Shell com sua atuação como Geni, no rodriguiano "Toda Nudez Será Castigada" (2002), e atravessou gloriosamente "uma rua chamada Pecado" como a Blanche Dubois do "A Streetcar Named Desire", de Tennessee Williams, 2002. Em ambas as peças, foi dirigida por Cibele Forjaz. Fez de um tudo (de bom) sob as luzes da ribalta, a se destacar a delícia "Procuro o Homem da Minha Vida, Marido Já Tive", dirigida por Eduardo Figueiredo, seu

parceiro na adaptação de Erasmo de Rotterdam para a cena.

"Fiquei encantada com o texto de Erasmo, surpresa de perceber o quanto permanece atual, mesmo tendo sido escrito no século XVI. Durante a pandemia, em busca de projetos para o ciclo Teatro Online do Sesc, fizemos 'Elogio da Loucura' e ela acabou se tornando uma das montagens mais acessadas desse circuito. A Loucura nele é uma comunicadora", diz Leona, celebrizada no cinema em "Um Céu de Estrelas" (1996) e "Amarelo Manga" (2002).

Segundo Erasmo, a Loucura se compara a um dos deuses e se diz nascida nas lendárias Ilhas Afortunadas. É filha de Plutão, deus das riquezas, e da ninfa Neotetes (signo da juventude), amamentada por duas preciosíssimas mulheres, Mete (a Embriaguez) e Apédia (a Imperícia). Por companheiros de sua errância estão Philautia (amor-próprio), Kolaxia (adulação), Lethes (esquecimento), Misoponia (horror à fadiga), Hedoné (volúpia), Ania (irreflexão), Trophis (delícia), Komo (o riso e o prazer da mesa) e Nigretton Hypnon (sono profundo).

"A Loucura fala para a agora e, no aspecto interno, ela aponta uma separação da ciência e da Igreja como força de coroação de sua sabedoria", diz Leona.

Inédita até agora no Rio de Janeiro, "Elogio da Loucura" foi sucesso de público e crítica em São Paulo, algumas capitais do Brasil (Porto Alegre, Belo Horizonte, Brasília, Salvador) e, ainda, em cidades do interior de SP. O espetáculo do CCBB-RJ é pontuado com música ao vivo, executada pelos talentosos Daniel Líbano (violoncelo) e César LiRa (percussão). A trilha sonora transita entre o popular e o erudito, o contemporâneo e os ritmos étnicos. A voz em off em cena de Antonio Petrin. Os figurinos são de Kelly Siqueira e Mariana Baffa e o design de luz é de Gabriele Souza.

"Eu fui me entendendo como ser humano no palco", diz a atriz, ao frisar a dinâmica de aprendizado que cada encenação de "Elogio da Loucura" abre. "O teatro é meu chão".

SERVIÇO

ELOGIO DA LOUCURA

Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)

Até 28/6, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia) à venda na bilheteria ou pelo site www.bb.com.br/cultura

CRÍTICA TEATRO | PESSOA FÍSICA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Inspirado no teatro do absurdo, que emergiu na Europa em metade do século passado, “Pessoa Física” ressalta a falta de sentido e a forma pela qual estamos condenados à incomunicabilidade. Diálogos fragmentados, repetições, desestruturam o enredo aristotélico, acirrando a insensatez da vida contemporânea. Cecília Ripoll engendra ótima dramaturgia, distanciando-nos do realismo, proporcionando aos realizadores uma viagem criativa.

Alguns homens tentam, desesperadamente, cadastrarem-se num ambiente tecnológico para acessarem uma conferência. E desde então desenrola-se um embate entre eles e a máquina, que atende às suas indagações, mas não soluciona seus impasses. A autora aproxima-nos da sua escrita, com perspicácia, na medida que expõe situações corriqueiras, tragicômicas, onde caminhamos para uma automatização generalizada. Há um desejo que o indivíduo mantenha-se como ser humano, mas um sistema obriga-nos à digitalidade, afastando-nos de uma existencialidade. Um jogo habilidoso de palavras propõe uma reflexão de como o universo informatizado deveria beneficiar a comunicação, mas acaba por complicar nossas relações e afazeres inúmeras vezes. O fato da máquina ganhar vida, confundir-nos e atrapalhar-se neste contexto é um deleite.

Marcela Andrade edifica com

Aprisionamento VIRTUAL



Divulgação

Pablo Aguilar tenta concluir um cadastro, enquanto Letícia Guimarães é a voz automatizada que responde, mas não resolve

teatralidade à oferta de Ripoll, como deve ser quando uma direção talentosa passa a constituir uma autoria na montagem. Institui ritmo, equilibra seus intérpretes, além de armar desenhos que embelezam e justificam à escrita cênica. A cena em que mantém

o ator aprisionado pelas placas, como se estivesse engolido pela tecnologia é muita adequada.

Em comunhão, Pablo Aguilar, idealizador do projeto, e Letícia Guimarães, percorrem toda a encenação com entendimento e lucidez do material que lhes foi concedido. O ator é ligeiro em determinadas circunstâncias, apresentando porções de humor ácido. Na cena ini-

cial que exaspera-se pela confusão de ter o mesmo nome de seu pai é um acerto, conduzindo-nos àquela angústia patética, aliás, outro ponto alto para o texto de Ripoll. A atriz, ao dar vida à máquina, desenha uma corporalidade apropriada, colore com sapiência uma personagem que poderia permanecer engessada, costurando graça, carisma e inteligência. A intérprete ainda cantarola, afinada, “Solamente una vez”, numa direção musical de Marcelo H, que manifesta elegância à montagem.

Estruturas como placas que retemem ao computador compõem a cenografia atraente de Carla Ferraz, Marcela Andrade e Pablo Aguilar. O figurino de Carla Ferraz denota uma distopia, reforçando uma ideia de repetição dos meios virtuais, como o da atriz que transmove-nos para um código de barra. Entretanto, a iluminação de Livs não acompanha o padrão de artisticidade das outras funções.

“Pessoa Física” coloca-nos fadados a processos de validação, em que todos devem cadastrar-se numa organização disruptiva, através da qual somos impelidos a robotizarmos.

SERVIÇO

PESSOA FÍSICA

Sala Multiuso do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 31/5, quintas e sextas-feiras (19h) e sábados e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (sócio Sesc)

NA TRIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Annelize Tozetto/Divulgação



Adeus, cordialidade

A nova montagem brasileira para o sucesso francês “O Deus da Carnificina” fica em cartaz no Teatro TotalEnergies, na Glória, até 7 de junho. A peça apresenta dois casais que tentam resolver civilizadamente uma briga entre filhos, mas a cordialidade desmorona, revelando violência e egoísmo. Com diálogos ácidos, o espetáculo expõe contradições do comportamento humano e desmonta máscaras sociais. A obra inspirou o filme “Carnage”, de Roman Polanski, com Jodie Foster, Kate Winslet, Christoph Waltz e John C. Reilly.

Divulgação



Obsessão por ascensão

“O Talento de Ripley” encerra temporada na Casa de Cultura Laura Alvim neste domingo (31). A peça de Phyllis Nagy adapta o romance de Patricia Highsmith que criou um dos maiores personagens do suspense psicológico. Tom Ripley é um jovem que se infiltra na vida luxuosa de Richard Greenleaf movido por obsessão e desejo de ascensão social. A obra inspirou versão cinematográfica estrelada por Matt Damon. Dirigida por Hugo Bonèmer e Kamilla Rufino, a montagem explora a paranoia e a identidade mutável do personagem.

Dalton Valério/Divulgação



Diante de novas emoções

Bilica Chorona, a Peça” segue em cartaz no Têtarô do Sesc Tijuca até o dia 14 de junho. Baseado no livro de Isabelle Borges com dramaturgia de Marcia Zanelatto e direção de Isaac Bernat, o espetáculo acompanha Bilica, uma menina que descobre novas formas de lidar com suas emoções durante a fase de amadurecimento. Com Paula Furtado, Fábio Freitas, Raquel Penner e Isabelle Borges no elenco, a peça aborda a importância de relações familiares abertas à compreensão emocional das crianças nesta fase de crescimento.

SEXTOU! UM DF DE

PROJETO

Mostra Cultura Candanga

✳ Brasília recebe, nos dias 6 e 7 de junho, a 5ª Mostra Cultura Candanga, na Feira da Torre de TV, com entrada gratuita. O evento reúne artistas e grupos do Distrito Federal, Pará, Ceará, Maranhão, Bahia, Pernambuco e da Guiné, promovendo encontros entre culturas populares, indígenas e afro-brasileiras. Entre as atrações estão Bongar, Suraras do Tapajós, Dona Zefinha e Ponto BR. A programação começa às 16h e conta com patrocínio da Petrobras, apoio do FAC-DF e realização do Ministério da Cultura e Governo Federal.

Oficinas gratuitas

✳ Estão abertas as últimas inscrições para as oficinas do 4º Festival de Cultura Inclusiva do Distrito Federal, que será realizado no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, em Brasília. O projeto oferece atividades gratuitas de teatro, cenografia, figurino e acessibilidade para pessoas com e sem deficiência. As oficinas acontecem entre 1º de junho e 28 de julho e também vão preparar monitores culturais para atuação inclusiva em espaços culturais. A iniciativa é do Instituto Entre Nós e da Associação Mãe em Movimento, com vagas limitadas.

Websérie documental

✳ O podcast Setorial Rock Shots estreia neste sábado (30) com 10 episódios sobre a cena do rock no Distrito Federal e Entorno. A produção reúne músicos, produtores, comunicadores e ativistas para debater temas como inclusão, protagonismo feminino, sustentabilidade, patrimônio cultural e economia criativa. Financiado pela Política Nacional Aldir Blanc, o projeto busca preservar a memória da "Capital do Rock" e discutir os desafios e caminhos da cultura independente na região.

Criação poética

✳ Estão abertas as inscrições para a oficina online "Criação Literária e Vitalidade Poética", com a escritora Glória Kirinus, no dia 6 de junho, às 9h, via Google Meet. Com apenas 20 vagas, a atividade propõe uma imersão criativa a partir de relatos pessoais e do tema "Recados do Acaso". A oficina integra o lançamento do livro "Trocadeiras e Brincadilhos", da escritora brasileira Telma



Mostra Cultura Candanga reúne tradições populares com patrocínio da Petrobras



Festival inclusivo abre inscrições para oficinas

Braga, projeto realizado com recursos do FAC-DF e voltado à promoção da literatura, acessibilidade e inclusão social.

TEATRO

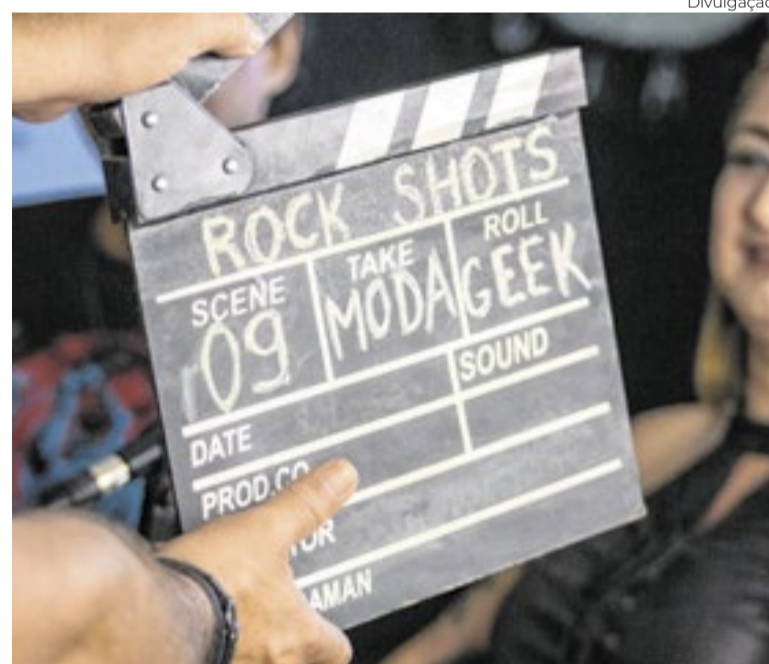
Cicatrizes

✳ A peça "Cicatrizes – O Amor Deve Ser Livre" retorna em sua 3ª edição com apresentações gratuitas em Ceilândia, Paranoá, Plano Piloto e São Sebastião. Inspirado em histórias de violência contra a mulher, o espetáculo acompanha a trajetória de uma advogada vítima de abusos físicos e psicológicos.

Produzida pela Cia em Comma, a montagem busca promover reflexão sobre relações abusivas e resistência feminina. As sessões acontecem entre 28 de maio e 9 de junho, com classificação indicativa de 14 anos e recursos de acessibilidade.

Samuel Beckett (1906-89)

✳ A clássica peça "Fim de Partida", de Samuel Beckett, ganha nova montagem brasileira no Teatro da CAIXA Cultural Brasília, entre 6 e 21 de junho. Estrelado por Marco Nanini e Guilherme Weber, o espetáculo retrata um mundo em ruínas



Brasília ganha web série documental

por meio da relação marcada por dependência, violência e solidão entre os personagens Hamm e Clov. Com direção de Rodrigo Portella, a montagem propõe reflexões sobre poder, guerra e esgotamento humano. Os ingressos custam entre R\$ 15 e R\$ 30.

"KINTSUGI, 100 memórias"

✳ O espetáculo "KINTSUGI, 100 memórias", do LUME Teatro, chega ao CCBB Brasília entre 4 e 14 de junho, celebrando os 40 anos do grupo paulista com uma montagem autoficcional sobre memória, esquecimento

e reconstrução. Inspirada na técnica japonesa de reparar cerâmicas com ouro, a peça une relatos pessoais e reflexões políticas sobre apagamento histórico e resistência. Com direção do argentino Emilio García Wehbi e dramaturgia de Pedro Kosovski, a temporada contará com sessões acessíveis em Libras e ingressos a partir de R\$ 15.

FESTIVAL

Festival Quebradas

✳ Planaltina recebe, no dia 30 de maio, a 3ª edição do Festival Quebradas: Arte, Literatura

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Chama-se “fiorde” o golfo de mar estreito e profundo, cercado por altas montanhas rochosas, formado pelo recuo de antigas geleiras, comum em países como a Noruega, o ganhador do Oscar de Melhor Filme Internacional, em março, por “Valor Sentimental”. Embora se passe lá, na região de Alesund, com coprodução da França, da Dinamarca, da Finlândia e da Suécia, o longa-metragem que venceu a Palma de Ouro de 2026, no sábado passado, batizado com o nome do acidente geográfico acima descrito (“Fjord” é o título original), tem raízes profundas na Romênia. É de lá, da cidade Iasi (na região da Moldávia), que vem Cristian Mungiu, diretor desse misto de drama e thriller de tribunal, transformado por Cannes numa das produções mais esperadas do ano.

Não se trata de um ensaio ecológico, mas, sim, de um estudo sobre o que reside de perigoso nas boas intenções. Temos um casal cheio de filhas e filhos, que pode perder a guarda de sua criança depois de o Estado norueguês interpretar (erradamente) as manchas no corpo da primogênita como um sinal de violência doméstica. A intervenção do Conselho Tutelar numa Escandinávia, que apregoa evolução civilizatória plena, beira a barbárie. Defensores da cultura woke tomaram uma palmada de Mungiu, que bate sem dó na hipocrisia do cancelamento. Uma marola acusatória de “conservadorismo” tentou enuviar a passagem dessa trama – que escutava a esquerda, a direita e o centro – pela Croisette, mas os sagrados poderes da dialética falaram mais alto e o júri, presidido pelo cineasta sul-coreano Park Chan-wook, achou por bem regar as mudas do mais longo ciclo geopolítico do cinema mundial no século XXI: a Primavera Romena.

“Embora eu não creia na ideia de ‘cinemas nacionais’, pois as grandes narrativas são universais, fico feliz em perceber o respeito em torno de um cinema feito com ousadia na Romênia, há muito referendado por Cannes, que aposta na originalidade e celebra a vida”, disse Mungiu ao Correio da Manhã, no desfecho do festival francês. “Este objeto aqui (referência à Palma) vai fazer as pessoas de diferentes lugares do mundo descobrirem a nossa história”.

Não foi a primeira vez que Mungiu segurou o tal objeto. Em 2007, ele deu a seu país a sua primeira Palma de Ouro com “4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias”, ao narrar a saga de uma jovem estudante para ajudar uma amiga a abortar num momento opressivo do comunismo romeno, em 1987, sob a mão de ferro do governante da época, Nicolae Ceausescu (1918-1989). Há como vê-lo, na íntegra, no YouTube. Dois



Ganhador da Palma de Ouro de 2026, ‘Fjord’ encara o frio norueguês para expor hipocrisias da Europa

Primavera que desabrocha em cults

Palma de Ouro para ‘Fjord’ reforça o viço do ciclo autoral da Romênia, que há 21 anos aposta na denúncia das inadimplências estatais, revelando gênios como Cristian Mungiu



A História da Romênia ganha novas cores em ‘Kontinental’ 25, coproduzido pela brasileira RT Features



‘4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias’ ganhou a Palma dourada de 2007

anos antes de sua estreia, em 2005, Cannes recebeu um óvni também de CEP romeno, chamado “A Morte do Sr. Lazarescu”, de Cristi Puiu, hoje disponível no streaming Reserva Imovision.

Foi o cult de Puiu que abriu os olhos do mundo para a realidade

da Romênia, que começou o século XXI filmando num sistema simbólico muito peculiar, compartilhado por outras vozes autorais de prestígio, como Mungiu, ao revelar, numa abordagem quase naturalista, com câmera digital e orçamento mirrado, o garrote de um estado

“Não creio na ideia de ‘cinemas nacionais’, pois as grandes narrativas são universais, mas feliz em perceber o respeito em torno de um cinema feito com ousadia na Romênia”

CRISTIAN MUNGIU

corrupto no pescoço de toda uma geração. Este método supõe o uso de uma estética desdramatizada (com poucas ações), em locações reais, filmadas com um olhar próximo do documentário, onde as tramas são sempre mote para que se aborde a decadência política (e moral) daquela nação a partir dos escombros sociais deixados como herança pelo Comunismo. Essa aproximação estética quase sempre é arejado por um humor dos mais cáusticos. Desse projeto artístico nasceram joias como “California Dreamin’” (2007), de Cristian Nemescu; “Instinto Materno” (Urso de Ouro de 2013) e “Ana, Mon Amour” (2017), de Călin Peter Netzer; “O Tesouro” (2015), de Corneliu Porumboiu; “Pororoca” (2017), de Constantin Popescu;

“Limonada” (2018), de Iona Uri-caru; “Não Me Toque” (Urso de Ouro de 2018), de Adina Pintilie; e a trinca “Sieranevada” (2017), “Malmkrog” (2020) e “MMXX” (2023) de Puiu.

O Brasil se meteu a produzir um dos grandes gênios romenos em atividade, Radu Jude, que levou o Urso de Ouro para Bucareste ao vencer a Berlinale de 2021, com “Má Sorte No Sexo ou Pornô Acidental”. Ele contou com o apoio da RT Features, de Rodrigo Teixeira em “Kontinental ‘25” (Prêmio de Melhor Roteiro no Festival de Berlim de 2025) e no ainda inédito “Drácula”. O próximo longa de Radu, “Frankenstein in Romania”, terá como protagonista um compatriota do diretor, hoje aclamado por Hollywood, com indicações ao Oscar: Sebastian Stan, o Soldado Invernal da Marvel.

Stan divide com a norueguesa Renate Reinsve o protagonismo de “Fjord”, de Mungiu. Formam em cena o casal Gheorghiu: ela, Lisbet, é escandinava; e ele, Mihai, é romeno. Os dois se mudam com os filhos para uma vila da Noruega situada no fundo de um fiorde. Essa família muito religiosa rapidamente faz amizade com seus vizinhos, os Halberg. Apesar de seus diferentes estilos de educação, as crianças dos dois clãs criam laços estreitos. Um dia, quando os professores notam sinais de maus-tratos físicos em Elia, a filha mais velha dos Gheorghiu, a suspeita se instala na comunidade. Será que as práticas educacionais convencionais de Lisbet e de Mihai teriam ultrapassado o limite da violência? A investigação que se segue mergulha toda a vizinhança no caos, num ranço de xenofobia no ar.

“Eu não julgo as personagens, mas há um debate no centro de tudo: se você olhar para as diferenças, atrás só das estranhezas, verá apenas inimigos”, disse Mungiu a Cannes. “É mais fácil se unir ao gado e pastar na relva dos algoritmos. Mas o cinema no qual eu acredito prefere tirar a plateia da condição de rebanho e deixar ela pensar”.

Laureado ainda com o Prêmio do Júri Ecumênico e o Prêmio da Crítica, em Cannes, “Fjord” estreia na França em agosto e chega ao Brasil só para os festivais do segundo semestre.

CRÍTICA FILME | NATAL AMARGO

POR **RODRIGO FONSECA** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

No Almodrama, ninguém é de ninguém

Arranhando seu violão nos acordes de “Cucurucucú Paloma”, em “Fale Com Ela” (Oscar de Melhor Roteiro Original em 2003), o baiano Caetano Veloso cunhou o termo almodrama para classificar a estética esculpida nas telas pelo manchego Pedro Almodóvar a partir do léxico melodramático da era moderna do cinema. Tem Douglas Sirk, tem Vincente Minnelli, tem (em especial) Fassbinder no caldo fervido pelo diretor, numa alquimia com temperos ibéricos e com o cancionário romântico latino-americano.

Mais tarde, um outro orixá da Bahia, José Carvalho, o maior teórico de roteiro do Brasil, veio com o conceito de “metamelodrama”, segundo o qual a obra do realizador de “Tudo Sobre Minha Mãe” (Prêmio de Melhor Direção em Cannes, em 1999) não se estratifica sobre a vida (a real) e, sim, sobre a vida reimaginada pelo discurso cinematográfico, o que justifica os excessos de suas personagens e de suas tramas. É só por vias excessivas, na hipérbole (do querer e do sofrer), que o melodrama cumpre com seus desígnios essenciais.

As duas classificações, ambas regadas a dendê, encontram a especiaria da autocrítica no colossal “Natal Amargo” (“Natal Na-



Elsa (Bárbara Lennie) e Bonifácio (Patrick Criado): vértices do poliedro metalinguístico de Almodóvar

vidad”). Bárbara Lennie é uma de suas mais vívidas exuberâncias, firmando-se no rol das estrelas almodovarianas.

Ela atua num diapásão de ambiguidade, fervendo o caldo quente de uma investigação sobre os limites entre o privado e o público

na construção de uma narrativa. De cara, vem uma tiração de sarro: “cineasta autoral é aquele que é visto por poucos”, brinca Elsa,

publicitária vivida por Lennie, qual fosse alter ego de Almodóvar. Consumida pelo luto após a morte da mãe durante o Natal, ela tenta sobreviver ao desgaste emocional provocado pelo excesso de trabalho e pelas dificuldades afetivas. Vive cercada pelo carinho de Bonifácio (uma força da natureza chamada Patrick Criado), bombeiro que complementa sua renda trabalhando como stripper na noite. Apesar de todo o tesão e de toda cumplicidade oferecidos pelo rapaz, Elsa se sente incapaz de reorganizar a própria subjetividade em Madri e decide partir para Lanzarote. Numa reta paralela, vemos Raúl Durán, um cineasta de prestígio (vivido pelo argentino Leonardo Sbaraglia), hoje em crise criativa de meia-idade. Sem ideias, ele decide transformar as vidas de seus amigos em matéria cinematográfica.

A dado ponto, parece que “Natal Amargo” é um ensaio ético sobre fontes dramáticas e as fidelidades por ela exigidas. Logo se percebe que não é (pelo menos, não é só isso), logo que, guloso, Almodóvar se joga no fosso que mescla todos aqueles relatos. Ali os enredos passam a refletir-se num jogo metalinguístico onde realidade, memória, ficção e o próprio Almodóvar se confundem e se imiscuem. A trilha sonora de Alberto Iglesias tempera essa orgia sensorial.

CRÍTICA FILME | CHOPIN, UMA SONATA EM PARIS

Acordes de antigamente, mas ainda suntuosos

Pátria de vozes autorais cinematográficas ribombantes (de Andrej Wajda a Agnieszka Holland, passando pelo divo da hora, Pawel Pawlikowski), a Polónia hoje testemunha o caminhar de Michal Kwiecinski rumo à consagração, carregando em seu currículo de direção o premiado “Servindo Nazistas” (2022). Ali firmou uma parceria sólida com o ator Eryk Klum. O talento do jovem intérprete é fundamental para fazer de “Chopin, Uma Sonata Em Paris” – a expressão poética mais recente de

Kwiecinski – um oásis de excelência no terreno das biopics (épicos de tom biográfico).

Qual o “Bohemian Rhapsody” (2018), de Bryan Singer, esta recriação histórica da vida de um músico avesso a normas funciona mais como um painel de uma Europa em fase de adoecimento do que como um verbete de Wikipedia sobre um músico virtuoso.

“Chopin, Chopin” (título original) tem a tessitura e o colorido retido das massas de sangue escarra-



Eryk Klum tem um desempenho delicado em ‘Chopin, Uma Sonata em Paris’

das por seu personagem central em meio à tuberculose. Frédéric François Chopin... ou Fryderyk Franciszek Chopin (1810-1849) sangrou pulmões afora, em decorrência do bacilo de Koch, em paralelo à sua trajetória de composições lendárias, amores frustrados e rivalidades com Franz Liszt (papel dado a Victor Meutelet),

além da paixão pela escritora George Sand (Joséphine de La Baume).

Com um orçamento de US\$ 19 milhões, Kwiecinski teve quatro meses de filmagem para reinventar a Europa do século XIX, apoiado em 260 atores, 5 mil figurantes e cerca de 600 profissionais em sua equipe. Com esse contingente e o

talento de Klum no papel central, faz uma superprodução com cara de antigamente, resgatando (com suntuosidade) a fase em que Chopin foi um ídolo da aristocracia e uma presença constante nos salões de Paris. Apresenta seu personagem como um poeta desterrado, sem pertencimento. (R. F.)



O poeta Zizo e sua musa Eneida elevaram a temperaturam do cinema brasileiro no calafrio da 'Febre do Rato', de Cláudio Assis

Leptospirose LÍRICA

Quinze anos depois de sua consagrada passagem pelo extinto Festival de Paulínia, 'Febre do Rato' ganha espaço nobre na televisão, na TV Brasil, em tributo à força de Cláudio Assis

Se você anda com saudade de Cláudio Assis, o libertário combatente da democracia narrativa que tacou fogo na caretece de nosso cinema com "Amarelo Manga" (2002), a televisão - em diferentes latitudes - vai aplacar a falta que estética em carne viva desse pernambucano faz na gente. Hoje mais quietinho, mas ainda ativo, Claudão (como é chamado) fez, há pouco tempo, a concepção artística da série "Chabadabada", do Canal Brasil, hoje encontrável no Globoplay. Já na TV aberta, neste domingo, às 23h30, a TV Brasil - espécie de cinemateca nacional ao alcance de um controle remoto - vai levar ao ar a obra-prima desse diretor provocativo: "Febre do Rato". O longa-metragem come-



O pernambucano Claudio Assis em 2011, no ano de 'Febre do Rato'

mora 15 anos de sua consagrada estreia.

Lançado no extinto Paulínia Festival de Cinema, ele saiu de lá com oito troféus, incluindo o de melhor filme. "Febre do Rato" marcou um momento de transformação na trajetória de Cláudio Assis, ao dar uma abordagem mais lírica à violência que ele retratava em títulos como "Baixio das Bestas" (2006), vencedor do troféu Tigre em Roterdã, que vai reestrear em julho, na comemoração de seus 20 anos. Rodado em preto e branco e embalado por uma atmosfera lúdica pouco habitual na filmografia do diretor, o longa chegou à Paulínia cercado por curiosidade e expectativas, sendo apontado como um maior rival do blockbuster "O Palhaço", de Selton Mello, na disputa pelos principais troféus da mostra de 2011.

A recepção confirmou a especulação: Assis saiu do evento paulistano coroado em múltiplas frentes, incluindo seu elenco, com vitórias para Nanda Costa e Irandhir Santos, seus protagonistas.

O roteiro de Hilton Lacerda acompanha as aventuras de uma espécie de Wolverine da poesia, o rapsodo Zizo (Irandhir), um escritor marginal.

Ele circula pelas ruas do Recife distribuindo um jornal alternativo, enquanto espalha discursos libertários, provocações políticas e reflexões anárquicas sobre desejo, liberdade e transformação social. Figura performática e incendiária, Zizo vive entre recitais, encontros afetivos e confrontos com a hipocrisia da cidade, deitando-se na banheira de sua casa, em transas com mulheres já

idosas. Ao esbarrar com Eneida (Nanda), uma jovem que celebra a liberdade, Zizo vai cair de paixão. Seu casal de amigos mais fiéis, vivido por Tânia Granussi e Matheus Nachtergaele, vai ampara-lo na fossa ultrarromântica onde se afoga, em meio à repressão local.

Embora muitos tenham apontado "Febre do Rato" como um filme "mais manso" dentro da obra de Cláudio Assis, o realizador rejeitou essa ideia, defendendo que preservava a mesma intensidade emocional e o mesmo compromisso artístico de seus longas anteriores. Dizia se tratar de um estudo sobre o "faz-de-conta" da vida social. O título nasce de uma expressão popular nordestina usada para definir alguém "fora de si", tomado por um estado de excitação extrema. Cláudio relacionou essa ideia às manifestações populares do maracatu e ao desejo de produzir um cinema capaz de despertar inquietação e coragem.

Um dos títulos mais tocantes de Assis, "Piedade" (2019), pode ser visto hoje no Globoplay. No longa, uma praia com nome de sentimento é alvo do apetite da corporação para a qual um executivo corrupto chamado Aurélio (Nachtergaele, sempre ele) trabalha, reportando suas andanças (e suas mutretas) à sua mãe, de quem disfarça sua orientação sexual. A tal big mama, igualmente intolerante, vivida por Denise Weinberg, não esconde sua homofobia quando suspeita que homens sem camisa frequentam o quarto de seu filhinho. Apesar das carapuças de que se esquiva, Aurélio veste com prazer, no âmbito profissional, a máscara de predador.

Sua presa preferida, com perfil de iguaria, é o exibidor Sandro, papel que faz Cauã Reymond passar, de uma vez por todas, aos altares do risco e da exuberância cênica.

Se existe, em "Piedade", um lugar de heroísmo, de virtude, esse lugar pertence a Sandro, que gravita pelo liberalismo do amor. A morada dele é um cinema pornô, onde reside a autoralidade mais fina de Assis, como o grande realizador que é: sua obra, como uma vez definiu Nachtergaele, é sobre "como a gente trepa errado e sobre como a gente ama errado". Aliás, trepadas raras vezes ganharam luz mais linda do que a iluminação empregada pela fotografia de Marcelo Durst para desenhar o tônus lírico da que-reência dos corpos de Assis.

Antes de celebrar o legado de Assis, neste sábado, a TV Brasil marca um golaço para a seleção da memória de nosso audiovisual ao exibir "Garrincha, A Alegria do Povo" (1962), de Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988), às 15h. Os dribles do Craque das Pernas Tortas lhe dão força.

Ilustre Velho Mundo

em novas HQs



Divulgação

Um mapa do mercado editorial das BDs, as bandas desenhadas, álbuns gráficos de luxo que tiram super-heróis de suas páginas e apostam em polêmicas, decolonialismo e História



Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

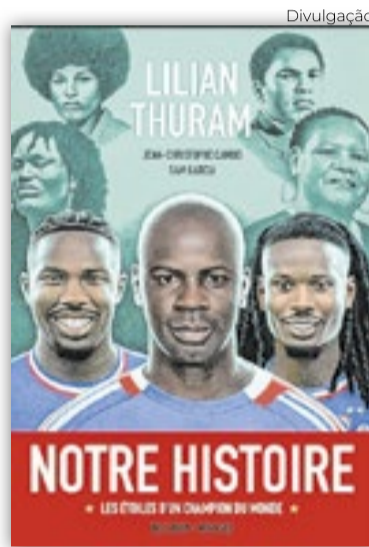
Até o momento, o mais festejado lançamento europeu nas histórias em quadrinhos, de janeiro para cá, carrega DNA brasileiro: “Eldorado”, de Marcello Quintanilha, um thriller ambientado em Duque de Caxias (RJ). Chega entre nós no dia 10 de junho, depois de um forte barulho feito pela editora Le Lombard em terras francófonas. Quintanilha é niteroiense, mas vive na Espanha e lança seus álbuns lá fora num perímetro França/Bélgica, antes de expandir seu conteúdo poético gráfico para outras línguas, sendo editado no Brasil pela Vene- ta.

A Sua nova criação se ambienta na Baixada Fluminense da década de 1950, quando o jovem Hélio e seu irmão, Luiz Alberto, vivem modestamente, mas com dignidade, graças à mercearia da família, até que o caminho da dupla se bifurca entre o futebol e a criminalidade. Se fosse americana, essa HQ seria chamada de comics ou de graphic novel, mas, no Velho Mundo, o termo é BD, ou bande dessinée. Banda Desenhada é o nome usado no mercado editorial europeu pra definir narrativas ilustradas em quadrinhos, com balões em uma edição de luxo, de capa dura e papel de fino trato - que optam por narrativas de gênero (fantasia, sci-fi, faroeste) ou por aulas de História (cheias de poesia) mas trilham caminhos que fogem do maniqueísmo.

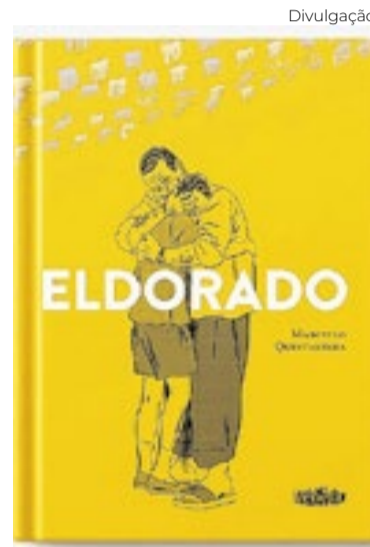
Nos EUA, quem dá as cartas nesse comércio é a Marvel, a DC e a Image, com dramaturgias de super-heróis. Onde se fala francês, a roda gira em torno de tramas adultas, calcadas em tabus políticos, que dissecam mitos, criam debate e biografam artistas. Eis as BDs mais procuradas de abril para cá, na esteira do sucesso do “Eldorado” franco-caxiense.



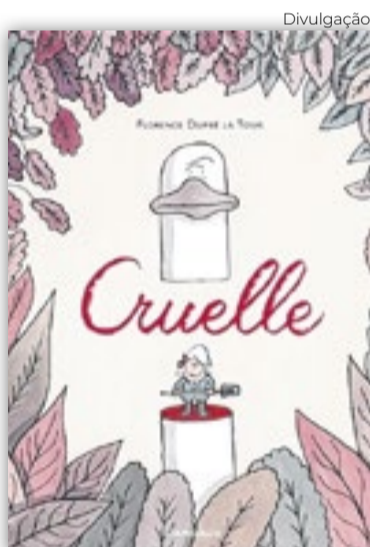
Divulgação



Divulgação



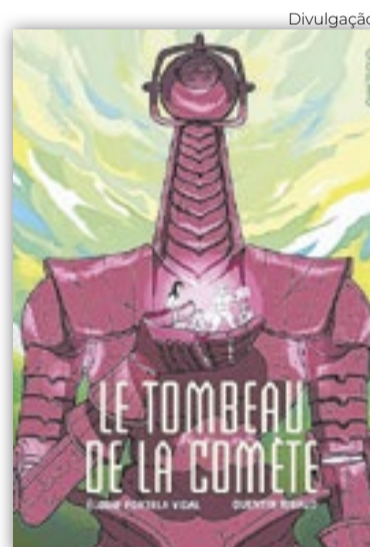
Divulgação



Divulgação



Divulgação



Divulgação

CARTAGENA, com roteiro de Yves H. e ilustrações de Hermann Huppen (ed. Le Lombard): Com a morte do lendário quadrinista Hermann Huppen, em 22 de março, deixando como legado joias como “Caatinga” e “Jeremiah”, este “Cidade de Deus” ilustrado explode nas livrarias. Em uma Cartagena dominada pelo narcotráfico, o jovem Álvaro acredita não ter futuro fora do cartel local. Ao lado do amigo Nacho, ele decide trabalhar para “El Cocho”, o chefe do tráfico da cidade. Do outro lado está Félix Garcia, policial experiente e pai de família. Garcia investiga o crescimento da violência e tenta desmontar a organização criminosa. Os dois trombam feio.

SPACE MONTAIGNE, com roteiro e ilustrações Marion Montaigne (ed. Charivari): Autora de “Dans La Combi”, a quadrinista que se especializou em divulgação

científica conta sua imersão no universo espacial e o encontro com o astronauta famoso, a quem ela acompanha entre Colônia, Houston, Baikonur, Moscou e Paris. Para uma autora ansiosa como ela, essa imersão fora do comum provoca uma montanha-russa de emoções.

CRUELLE, com roteiro e ilustrações de Florence Dupré la Tour (ed. Dargaud): Um inventário de relações humanas tóxicas. A protagonista vive entre desejos contraditórios e memórias difíceis de enfrentar, num ensaio sobre identidade, culpa e violência emocional. Num devir Felícia (a dos Looney Tunes), a autora conta como, desde a infância até ao final da adolescência, sufocou os pequenos animais de estimação que lhe caíam nas mãos.

NOTRE HISTOIRE - LES ÉTOILES D'UN CHAMPION

DU MONDE, com roteiro de Jean-Christophe Camus e Lilian Thuram e ilustrações de Sam Garcia (ed. Delcourt): Um álbum perfeito para a Copa do Mundo. Seu protagonista é Lilian Thuram, campeão mundial de futebol em 1998 e campeão europeu em 2000, encarado como um ícone francês. Ele não teria se tornado um ídolo nos gramados sem sua mãe, nem sem as grandes figuras negras que o inspiraram. Em 1980, Mariana Thuram, sua figura materna, deixa sua terra natal, Guadalupe, deixando para trás seus cinco filhos, com idades entre 7 e 15 anos, para encontrar trabalho em Paris, na esperança de lhes oferecer uma vida melhor. O próprio Lilian conta a história dela.

LE TOMBEAU DE LA COMÈTE, com roteiro de Stéphane Piatzszek e ilustrações de Guillermo González Escalada (ed. Dar-

gaud): Um misterioso fenômeno celeste guia os rumos desta trama. Um cometa desgarrado gera entropia na Terra. A fauna e a flora se alteram em detrimento dos humanos, que pereceram em sua maioria, petrificados no local ou dizimados por animais que se tornaram quiméricos e gigantes. No entanto, um punhado deles sobreviveu e descobriu um novo dom: o de moldar imensos construtos de metal... os golems... para se defender.

BELLE DE SOIE, com roteiro e ilustrações de Pavel Bart (ed. Delcourt): Eis uma fábula gráfica de um dos mais talentosos coloristas europeus. Seu mote: o bom e velho “Era uma vez...”. Aqui, uma tecelã de seda aceita deixar a sua filha partir com a duquesa e o seu filho para a corte do rei. Essa viagem prometia um futuro brilhante para a menina, mas, infelizmente, o destino nunca segue o fio que imaginamos... E é então a vez da mãe partir para salvar a filha pelo mundo, onde a terrível peste de pedra espalha o terror...

DIABLE PÂLE - TOME 1 - ET POUR QUELQUES WINCHESTER DE PLUS, com roteiro de Vincent Bruges e ilustrações de Nicolas Siner (ed. Le Lombard): Desde os anos 1940, a Europa tem um fascínio por HQs de faroeste, vide o italiano Tex. Eis um western magistral. Nele, um irmão de sangue dos apaches, o pistoleiro Taglito, joga um jogo perigoso: infiltrar-se nas fileiras dos brancos, manipular bandidos e xerifes e agir em segredo para levar armas e esperança à tribo que o adotou. Preso entre dois mundos em conflito, obrigado a mentir, trair e lidar com a violência de todos, aquele a quem chamam de O Diabo Pálido precisa reinventar constantemente seu papel para sobreviver e servir à causa que escolheu. Neste Oeste sem piedade, basta um passo em falso para a máscara cair e o perigo atacar... por todos os lados.

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Rio Restaurant Week entra em clima de Copa com menus inspirados nos países campeões

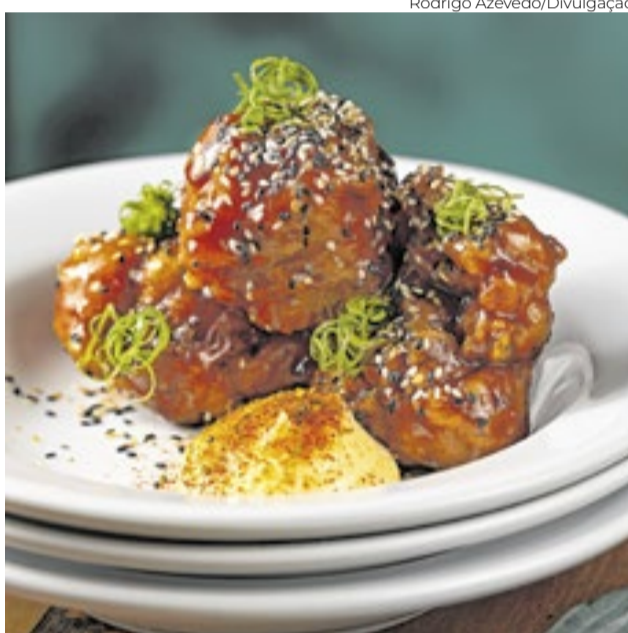
Festival gastronômico reúne cerca de 80 restaurantes cariocas em uma edição que celebra sabores do mundo



Royal Grill



Cantina do Claude



Mäska



Teva Bistrô



Masserin Cucina Italiana



Tragga



San

A cidade entra em modo degustação até o dia 21 de junho com a 31ª edição da Rio Restaurant Week, que este ano mergulha no universo das grandes campeãs do futebol mundial. Com o tema “A Cozinha dos Campeões”, o festival propõe uma viagem gastronômica por sabores e referências de países que já levantaram a taça da Copa do Mundo, tudo reinterpretado pelos chefs e restaurantes participantes.

Dos bistrôs intimistas às casas mais concorridas da cidade, cerca de 80 restaurantes espalhados por diferentes bairros do Rio apresentam menus especiais com entrada, prato principal e sobremesa, em faixas de preço que tornam a experiência mais acessível e convidativa. Os menus são divididos nas categorias Tradicional, Plus, Premium e Diamond, com valores que variam entre R\$ 59,90 e R\$ 149,00. A novidade desta

edição é o Menu Kids Week, criado especialmente para o público infantil, com opções a R\$ 39,90.

No menu Tradicional, os valores são de R\$ 59,90 no almoço e R\$ 74,90 no jantar. Já a categoria Plus oferece menus a R\$ 73,90 no almoço e R\$ 94,90 no jantar. Na categoria Premium, os preços são de R\$ 95 no almoço e R\$ 115 no jantar. Para quem busca experiências mais elaboradas, o menu Diamond custa R\$ 109 no almoço e R\$ 149 no jantar.

Mais do que um circuito gastronômico, a Restaurant Week já se consolidou como um dos eventos mais aguardados do calendário carioca, movimentando salões, apresentando novos endereços ao público e estimulando chefs a criarem pratos fora do óbvio. Nesta edição, receitas clássicas ganham sotaques internacionais e referências afetivas inspiradas em países como França, Itália, Argentina, Espanha e Brasil.

Entre os participantes estão casas já queridas pelos cariocas, como o Irajá Redux, Rufino Parrilla, Didier, Cantina do Claude, Teva Bistrô, Rudá, Mäska e San, além de nomes espalhados da Zona Sul à Barra, do Centro à Ilha do Governador.

Segundo Fernando Reis, idealizador da Brasil Restaurant Week, a expectativa é ultrapassar a marca de 64 mil menus vendidos nesta edição, gerando um impacto de cerca de R\$ 10 milhões na economia carioca.

SERVIÇO

RIO RESTAURANT WEEK

Para mais informações, conferir os menus completos e a lista de restaurantes participantes: www.restaurantweek.com.br e Instagram: @restaurantweekbrasil

Por Mayriane Castro

Brasília recebe, entre os dias 2 e 6 de junho, a etapa brasileira do Festival dos Povos da Floresta, evento voltado à difusão da produção artística e cultural da Amazônia contemporânea.

A programação será realizada no Sesc Ceilândia, com entrada gratuita, reunindo apresentações musicais, exposição de artes visuais, oficinas e atividades culturais que promovem o intercâmbio entre artistas da região Norte e o Distrito Federal.

Idealizado pela Rioterra – Centro de Inovação da Amazônia, o festival busca ampliar a circulação de produções culturais amazônicas em outras regiões do país e estimular o diálogo entre diferentes territórios e tradições culturais.

O evento é apresentado pela Petrobras, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, com realização do Ministério da Cultura e Governo Federal.

A programação musical será realizada nos dias 5 e 6 de junho e reúne artistas indígenas, afro-amazônicos e representantes da música produzida na região Norte.

A curadoria é assinada por Sandro Santarém.

Participam músicos e grupos do Amazonas, Rondônia, Roraima, Pará, Amapá, Maranhão, Mato Grosso e Distrito Federal.

Entre os nomes confirmados estão Márcia Siqueira e Djuena Tikuna, do Amazonas; Naime, do Pará; Patrícia Moraes, de Rondônia; além de Ellen Oléria e Marcelo Jeneci.

Segundo a organização, os shows foram organizados para promover encontros entre diferentes estí-



Divulgação

Açaí com pequi: festival aproxima Amazônia e Cerrado

Evento gratuito no Sesc Ceilândia reúne shows, exposição e oficinas

Povos da Floresta se unem aos povos da cidade no festival em Ceilândia

los musicais e experiências culturais ligadas aos povos da floresta.

No dia 5 de junho, a programação será intitulada “O canto das origens”.

A noite contará com apresentações de Djuena Tikuna, Terra Indígena Zoro e Rio Branco, Pa-

trícia Moraes e Emília Monteiro, Os Originários Originais, Éric Terena, Ian Wapichana, Brisa Flow e Ellen Oléria.

Já no dia 6 de junho, sob o tema “Os rios se encontram”, sobem ao palco Euterpe, Gabriê e Raidol, Naieme e Márcia Siqueira,

Jeff Moraes e Pretogonista, além de Marcelo Jeneci.

Povos da Floresta

O festival também contará com a Exposição dos Povos da Floresta, aberta ao público nos dias 5 e 6 de junho, no Teatro

Newton Rossi, localizado no Sesc Ceilândia.

A mostra reúne trabalhos de artistas amazônicos que abordam temas relacionados à ancestralidade, território, memória e identidade.

A curadoria da exposição é assinada por Rosely Nakagawa.



Divulgação

Ellen Oléria é uma das atrações do festival

A arte que vem de dentro das florestas

Organização pretende aproximar a produção cultural das florestas dos centros urbanos

Entre os artistas participantes da mostra Povos da Floresta estão Bototo, com a série “Fósseis”, produzida em acrílico sobre tecido; Will Arehj, com as fotografias “Anciã Preparando Macaloba” e “Cacique tomando Macaloba”; Wauto_ am Oro Waram, com a série “Guardião da Mãe Natureza: Terra Indígena Uru Eu Wau Wau”; e Paula Sampaio, autora das fotografias “Lago do esquecimento” e “Antônios e Cândidas têm Sonhos de Sorte e Nós”.

A visitação da exposição terá início às 17h nos dois dias de pon-

gramação.

Segundo a organização, a proposta é aproximar o público de narrativas visuais ligadas aos territórios amazônicos e às experiências de comunidades tradicionais e urbanas da região.

Oficinas

Além das apresentações artísticas, o festival promoverá oficinas gratuitas voltadas à formação audiovisual. No dia 2 de junho, será realizada a oficina de fotografia que busca valorizar o bioma do cerrado como pon-

to focal do trabalho. No dia 3, ocorre a oficina de audiovisual. Ambas acontecem no Sesc Ceilândia, das 13h às 18h. As atividades formativas têm como foco a produção de conteúdo e o acesso a ferramentas audiovisuais. A proposta é incentivar a criação de narrativas relacionadas à cultura, ao território e à comunicação.

De acordo com os organizadores, o Festival dos Povos da Floresta foi criado para fortalecer a presença da produção artística amazônica em circuitos culturais nacionais e ampliar a visibilidade de artistas ligados aos povos da floresta. A iniciativa também busca promover encontros entre comunidades tradicionais, artistas urbanos e diferentes linguagens culturais.

Por Mayariane Castro

Venho do Planeta Fome. Essa frase corajosa foi o cartão de apresentação de Elza Soares ao mundo.

Elza se apresentaria no programa de calouros que Ary Barroso, autor de “Aquarela do Brasil”, entre outros clássicos, apresentava no rádio. Ela tentou se arrumar. Mas não conseguiu evitar seu aspecto miserável. Ary Barroso perguntou a ela: “De que planeta você veio, minha filha?” E Elza, corajosa e altiva como sempre, deu a resposta que marcou sua história.

Esse episódio e outros estão no musical “Elza”, inspirado na trajetória da cantora Elza Soares, que será apresentado em Brasília entre os dias 27 e 31 de maio, no Teatro da Caixa Cultural.

O espetáculo, que estreou em 2018 no Rio de Janeiro e já passou por 15 cidades brasileiras, reúne no palco sete atrizes que interpretam diferentes fases da vida da artista e personagens ligados à sua trajetória pessoal e profissional.

A montagem tem texto de Vinícius Calderoni, direção de Duda Maia e direção musical de Larissa Luz.

O espetáculo recebeu prêmios em diferentes categorias do teatro musical brasileiro, entre eles o Bibi Ferreira, Shell, APCA, Cesgranrio e Reverência.

Em Brasília, participam da montagem as atrizes Janamô, Josy, Anne, Júlia Sanchez, Julia Tizumba, Sara Chaves, Sara Hana e Naruna Costa, que estreia nesta temporada do espetáculo.

Ao longo da peça, as intérpretes se alternam na representação de

Musical sobre



Atrizes interpretam Elza Soares nas diversas fases de seus 91 anos de vida

Espectáculo será apresentado de 27 a 31 de maio no Teatro da Caixa Cultural Brasília

Elza Soares em diferentes períodos da vida da cantora.

A narrativa também inclui personagens ligados à trajetória da artista, como familiares, amigos, Ary Barroso e o jogador Garrincha, com quem Elza manteve um rela-

chega a Brasília

cionamento.

A proposta da montagem não segue uma estrutura cronológica tradicional de biografias musicais, e sim um texto adaptado para o teatro de forma a valorizar a pluralidade artística da vida de Elza Soares.

Emoção

O Correio da Manhã conversou com Sara Chaves, uma das Elzas que estarão no palco. Ela comenta sobre

o quanto a peça lhe marcou.

“Houve muitos momentos no período de ensaio em que me emocionei pelo fato de a história em si da Elza Soares me atravessar de diversas formas como mulher preta nessa sociedade racista”, conta Sara.

“Mas Elza é potência, força e um lembrete diário de que nada nem ninguém pode abalar a nossa voz. Somos realeza”.

Sara detalha a experiência com o espetáculo. “Acho que o momento que sempre mexe comigo (e há aqui um spoiler) é a cena da Elza tentando ajudar Mané Garrincha com alcoolismo, que desemboca na música ‘Malandro’ com um arranjo super sensível. Lembro de tantos familiares que sofreram de alcoolismo e não conseguiram dar a volta por cima”. A canção “Malandro” é de Jorge Aragão.

“Ousadia”, a palavra que define a cantora

Sara Chaves emociona-se com a identificação com a história da artista, “mulher preta”

Desde o início, a produção correu de forma muito tranquila e com muita dedicação de todos que faziam parte da equipe. O elenco comenta sobre a forma como se sentiu acolhido nos ensaios e durante todo o período antes de subir aos palcos.

“O ritual que criei para essa produção foi de respiração e meditação: de desacelerar pós-espetáculo. Tive também preparação de voz com Anna Priscila Lacerda, minha professora de canto e amiga pessoal que fez ajustes de voz para realizar esse espetáculo”, relembra Sara Chaves.

No palco, músicas de diferentes períodos da carreira de Elza Soares são apresentadas de forma não linear. O repertório inclui composições como “Se Acaso Você Chegasse”, “Lama”, “Malandro”, “Lata D’Água”, “Cadeira Vazia”, “A Carne”, “Maria da Vila Matilde” e “A Mulher do Fim do Mundo”.

Os arranjos musicais foram desenvolvidos pelo maestro Letieres Leite, da Orquestra Rumpilezz, morto em 2021. O espetáculo também inclui duas músicas inéditas compostas durante o processo



“Lata D’Água na Cabeça”: o “Planeta Fome”...

criativo da peça: “Ogum”, de Pedro Luís, e “Rap da Vila Vintém”, de Larissa Luz.

Entrevistas

Segundo os criadores, a cons-

trução dramática foi baseada em pesquisas sobre entrevistas concedidas por Elza Soares ao longo da carreira e em referências literárias de autoras como Angela Davis e Conceição Evaristo. Fragmentos dessas

obras aparecem incorporados ao texto da peça. Para Sara Chaves, é indiscutível. Se ela pudesse definir o legado da Elza para as novas gerações de mulheres nas artes em apenas uma palavra, seria com certeza “ousadia”.

De acordo com Vinícius Calderoni, a estrutura do musical foi desenvolvida de forma coletiva durante os ensaios, com participação ativa das atrizes e da equipe criativa. O dramaturgo afirma que o processo incluiu relatos e experiências compartilhadas pelas intérpretes, que contribuíram para a construção das cenas e diálogos. A diretora Duda Maia afirmou que a proposta do espetáculo foi construída a partir da escuta das atrizes e da interação entre elenco, direção e equipe musical. Segundo ela, o trabalho buscou integrar diferentes experiências e perspectivas durante os ensaios.

O musical foi desenvolvido em um período em que Elza Soares lançou os álbuns “A Mulher do Fim do Mundo”, em 2015, e “Deus é Mulher”, em 2018. Elza Soares faleceu em 2022, aos 91 anos.